

# folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

## A percepção dos profissionais e dos estudantes de Biblioteconomia acerca da praxis do arquiteto da informação

Virginia Bentes Pinto  
Camila Regina de Oliveira Rabelo  
Igor Peixoto Torres Girão  
Francisco Hilton Rodrigues Raulino Neto

ARTIGO

### Resumo

Apresentam-se os resultados da pesquisa cujo objetivo é investigar a percepção que os profissionais e estudantes de Biblioteconomia têm sobre Arquitetura da Informação (AI), bem como as competências e habilidades necessárias para atuar como arquiteto da informação. O estudo empírico foi realizado em Fortaleza, adotando-se o questionário cuja coleta de dados foi feita *online*. Os resultados demonstram que os participantes da pesquisa possuem algum conhecimento sobre a Arquitetura da Informação, contudo, em relação às competências necessárias para trabalhar nessa área, ficou evidente o desconhecimento, por parte da maioria deles. No que diz respeito às competências e habilidades para ser arquiteto da informação, foram apontados: domínio das tecnologias de informação e de comunicação, da organização e tratamento da informação, capacidade para trabalhar em equipes multidisciplinares, empreendedorismo, criatividade e outras aptidões. Conclui-se que, embora a AI se mostre como mais um nicho mercadológico para o bibliotecário, ainda não está sendo explorado na esfera da formação desse profissional. Este fato que demanda ações na oferta da disciplina arquitetura da informação no contexto da graduação e da pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

**Palavras-chave:** Arquitetura da Informação; Competência Informacional do Arquiteto da Informação; Habilidades do Arquiteto da Informação.

The perception of professionals and Librarianship students of the information architect praxis

### Abstract

The research results aim at investigating the perception which professionals and students of librarianship have on Information Architecture (IA), as well as the competencies and skills needed to act as information architect. The empirical study was conducted in Fortaleza, among professionals and librarianship students, adopting questionnaire which data collection was done online. The results demonstrate that research participants have some knowledge about the IA, however in relation to the skills needed to work in this area, the unawareness became evident on the part of most of them. In what concerns the skills and abilities to be information architect, was appointed: the knowledge of information and communication technologies, the organization and information processing, ability to work in multidisciplinary teams, entrepreneurship, creativity, etc. It is concluded that although the Information Architecture is presented as another marketing niche for the librarian, it is not yet being exploited in the sphere of professional training. That fact that demand shares in the offer of the discipline of IA in the context of undergraduate and postgraduate studies in librarianship and information science.

**Keywords:** Information Architecture, Informational competence of the Information Architect, Information Architect Skills.

## 1 Introdução

Efetivamente, ao longo da história, as unidades de documentação<sup>1</sup> inventaram, inovaram e/ou desenvolveram tecnologias que se configuravam e ainda se configuram como opções de tratamento, organização e recuperação informacionais, bem

<sup>1</sup> Neste artigo a ideia de Unidade de Documentação é empregada para designar bibliotecas, arquivos, centros de documentação, entre outros do gênero.

como na organização dos espaços físico dos acervos, equipamentos e mobiliários. A classificação bibliográfica, os cabeçalhos de assuntos, os tesouros e os layouts dos espaços analógicos são alguns exemplos.

Com o avanço das tecnologias mais modernas, começam a aparecer alternativas, destacando-se a Arquitetura da Informação (AI), expressão concebida pelo arquiteto Richard Saul Wurman, em 1975, e traz uma proposta de modelagem formal em que as etiquetas relativas às informações são estruturadas, com vistas a facilitar o acesso do conteúdo informacional, a fim de possibilitar se recuperar a informação com maior qualidade. Na concepção de Wurman (1978, p.25), Arquitetura da informação “diz respeito à organização de padrões inerentes aos dados de modo a transformar o que é complexo em algo mais claro, por meio da criação de estruturas ou mapas informacionais que viabilizem o alcance do conhecimento”. Essa ideia foi ressignificada pelos bibliotecários Morville e Rosenfeld em 1998, desta feita com a perspectiva voltada para o ambiente do ciberespaço.

Embora, de modo geral, o conceito de AI já faça parte da terminologia da Ciência da Informação, mesmo assim, em observações empíricas percebe-se que de maneira particular, tal entendimento ainda não está devidamente inserido na Biblioteconomia, tanto, do ponto de vista de sua compreensão como também de seu uso no cotidiano do trabalho do bibliotecário. É com origem nessas observações que nos motivamos a empreender uma pesquisa, com vistas a responder ao seguinte questionamento: qual é a percepção dos profissionais e estudantes de Biblioteconomia acerca do conceito de Arquitetura da Informação(AI) e a práxis do arquiteto da informação no mercado de trabalho em Fortaleza, Ceará, Brasil? Visando a encontrar respostas para tal indagação, traçamos como objetivo básico desta pesquisa investigar a percepção que os profissionais e estudantes de Biblioteconomia no tocante à práxis do arquiteto da informação, bem como as competências necessárias para atuar nesse metier.

## 2 Sobre Competência e Arquitetura da Informação

### 2.1 Arquitetura da Informação

Embora que o atual cenário da contemporaneidade, dos séculos XX e XXI assevere que a informação é a principal “mantenedora” das sociedades globalizadas, nem sempre o acesso a esse bem se configura de modo fácil e rápido. Ao contrário, o excesso na produção e no registro de informações nos mais diversos tipos, formas e suportes, bem como a polissemia atribuída pelos diversos interlocutores, demanda opções que viabilizem a acessibilidade da mesma maneira como já vinha sendo feito desde os primórdios das Bibliotecas da Antiguidade Clássica. Naquele período, foram estruturadas as propostas iniciais de organização de informação, por meio de classificações artificiais levando em conta o tamanho e as cores dos documentos, bem como os cabeçalhos de assuntos. Ainda nesse meio-tempo, destacou-se a espacialidade do ambiente, com o armazenamento das obras. Esse fato pode ser considerado como o genoma da Arquitetura da Informação, principalmente no tocante a rotulagem e interoperabilidade semântica.

Com visão de arquiteto, Wurman(1978) enxergou a grande desordem informacional do espaço urbano, que, por sua vez, era análoga aos mesmos entraves das unidades de documentação. Ele conta que sua “etnografia” pelas ruas, estações de metrô e outros ambientes, fizeram com que ele percebesse que, ao se deslocarem nas cidades, as pessoas se mostravam ansiosas para entender a dinâmica de organização da espacialidade dos locais, dos sinais informativos e dos documentos (cardápios, Páginas Amarelas, por exemplo). Ante essa realidade, estruturou o conceito “ansiedade da informação” e, antagonicamente, com o objetivo de contrapor-se a ele, cria padrões e organiza estruturas, tornando simples o acesso à informação, permitindo que os usuários possam encontrar o que pretendem. No entendimento de Wurman(1978), para que uma pessoa seja arquiteto de informação, é necessário que tenha as seguintes competências e habilidades: domínio em construção de projetos e exposição destes; organização de idéias; raciocínio lógico; capacidade de comunicar-se; interação; flexibilidade; criatividade, proatividade, empreendedorismo, domínio sobre ações estratégicas; saiba atuar em equipes multidisciplinares.

Inicialmente, a AI foi pensada para organizar ambientes informacionais pouco dinâmicos. Nos anos 1990, contudo, a World Wide Web (Web) instaurou outra ordem, reinventando os modos de produção, organização e consumo de informações e conhecimentos. É considerando esse ambiente, que os bibliotecários Morville e Rosenfeld (1998) se apropriaram da criação de Wurman e começou a estudar e a problematizar as questões da Arquitetura da Informação para o ambiente da Web. Eles

ressignificam o conceito de AI, definindo-a como a “arte e a ciência de organizar informações para auxiliar os indivíduos a satisfazerem as suas necessidades informacionais”. As ideias desses estudiosos fundamentam-se, principalmente, em três aspectos - contexto, conteúdos e usuários -, temas inseridos no âmbito da formação profissional de bibliotecários. Para ser arquiteto da informação, entretanto, não basta ser bibliotecário, sendo crucial que esses profissionais possuam outros conhecimentos relativos à sua competência, além de certas aptidões conforme a seguir: habilidade manual para o desenho gráfico; capacidade cognitiva para análise e síntese; habilidade em redação; habilidade em gestão, habilidade manual para o desenho gráfico; capacidade cognitiva para análise e síntese; habilidade em redação; capacidade de avaliar de forma sistêmica; habilidade em gestão.

## 2. 2 A Respeito de Competência

A o desenvolvimento das profissões evidencia que, cada vez mais elas estão buscando inovações, de modo a privilegiar as necessidades mutantes do mercado de trabalho que, traz novidades, principalmente, desde a massiva inserção das tecnologias eletrônicas e digitais de informação e de comunicação (tedic), tanto no âmbito individual quanto das organizações de um modo geral. Tal inserção demanda, não somente, que o trabalhador seja competente naquilo que é o cerne de sua ocupação funcional, mas também em outros, considerados transdisciplinares ou interdisciplinares. Um caminho para a resolução dessa realidade é a chamada educação continuada, que busca outro entendimento sobre pontos relativos às competências.

Peter Senge (1990) traz reflexões fundamentais a esse respeito e se refere às “cinco disciplinas” que devem ser observadas nesse âmbito, quais sejam: domínio pessoal, modelos mentais, visão compartilhada, aprendizado em grupo e raciocínio sistêmico. A metáfora das “cinco disciplinas” desse filósofo vem ao encontro das competências tão propagadas por Philippe Perrenoud (1999, p.38), para quem a competência “é a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações etc.) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações”. Para ele, o ensino baseado nas competências busca trabalhar a inclusão de conhecimentos como “recursos a serem mobilizados; trabalhar regularmente por problemas; criar ou utilizar outros meios de ensino; negociar e conduzir projetos com os alunos; adotar um planejamento flexível e indicativo”. Corroborando Zarifian (2003, p.120), defende a idéia de que os atributos da competência “[...] são iniciativa, responsabilidade, inteligência prática, conhecimentos adquiridos, transformação, diversidade, mobilização dos atores e compartilhamentos”.

No contexto da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, a American Librarian Association (ALA), em 1989, reflete sobre a necessidade de se ter competência informacional “para localizar, avaliar e usar efetivamente a informação. [...] Pessoas que têm competência em informação são aquelas que aprenderam a aprender [...]” [Elas] “sabem como aprender porque sabem como a informação está organizada, como encontrá-la e como usá-la, de tal forma que outros possam aprender com elas”. (ALA, 1989, s.p.). Por sua vez, a IFLA (2005), entende a competência informacional como um conceito que “abrange as competências para reconhecer as necessidades informacionais e localizar, avaliar, aplicar e criar informação dentro de contextos culturais e sociais”. Nós acrescentamos que também é necessário se ter competências para criar, organizar, representar e gerenciar espaços informacionais, tanto em ambiente analógico como digital, a exemplo da Arquitetura da Informação. Nesse novo ambiente da AI as competências exclusivas desses domínios precisam ter relação com os programas curriculares e os saberes disciplinares. Para tais competências, também se fazem necessários, o ensino e os conhecimentos de outra natureza, que possam dar conta do ambiente da sociedade da informação e, conseqüentemente, do espaço informacional, pois esse nicho de atuação requer saber trabalhar aspectos interdisciplinares e, ao mesmo tempo, habilidades para as situações mais diversas possíveis.

## 3 Material e Método

O percurso de uma pesquisa, empírica ou não, configura-se mesmo, que de modo solitário, em uma ação coletiva, por isso demanda apoio e diálogos invisíveis com autores do campo investigado e de outros interdisciplinares. Ante a especificidade do objeto de estudo, mostrou-se essencial a pesquisa empírica. Elegemos, então, como população de estudo, profissionais e estudantes de Biblioteconomia, considerando-se, no primeiro caso, aqueles com registro ativo no Conselho Regional de

Biblioteconomia (CRB3), ao passo que, no segundo foram levados em consideração os estudantes regularmente matriculados no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e os seus.

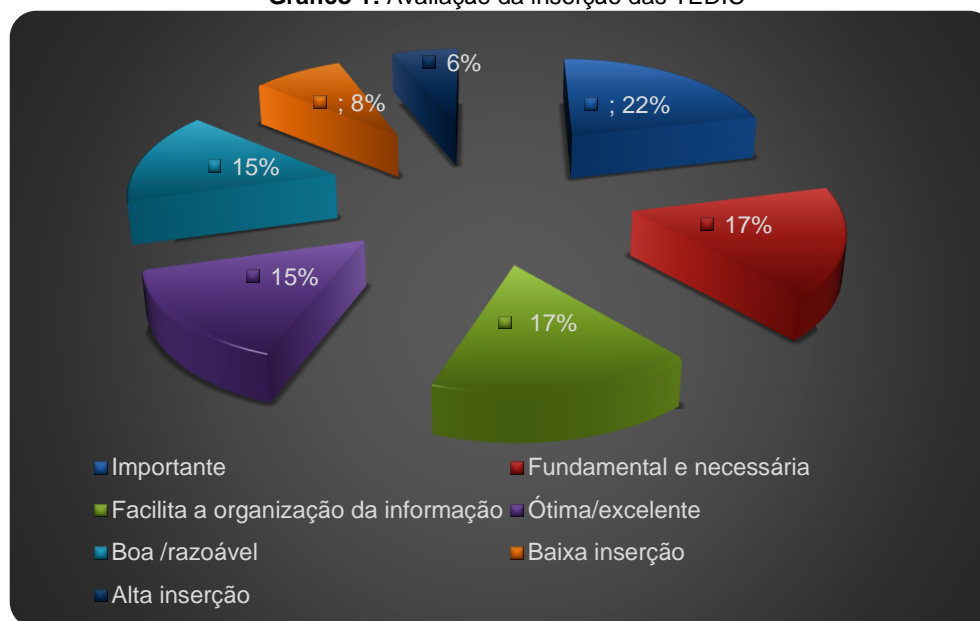
A coleta de dados empíricos ocorreu por meio do questionário, constituído de 11 questões, sendo sete abertas e quatro fechadas/objetivas, inclusive algumas com múltipla escolha. Esse instrumento foi enviado por meio do *Google Docs* e *email* a 70 pessoas. Foram devolvidos 52 instrumentos preenchidos. A identidade dos participantes é mantida em sigilo pela própria ferramenta. Para essa análise e interpretação dos achados, foram identificamos os Estudantes de Biblioteconomia (EB); Bibliotecários (B) e Professores (P), seguidos pelo algarismo arábico. Para efeito de análise do estudo empírico, a amostra foi de trinta e nove estudantes, nove bibliotecário e quatro docentes.

## 4 Análise dos Dados e Discussão Dos Resultados

De posse dos achados do estudo empírico, passamos à fase de tratamento dos indicadores, pautando-nos no problema e nos objetivos da pesquisa. Para tanto, a análise foi estruturada nos seguintes itens: **percepção sobre arquitetura da informação e competências necessárias para atuar como arquiteto da informação**. A categoria relativa à percepção sobre AI foi subdividida nas seguintes subcategorias: inserção das tecnologias eletrônicas e digitais de informação e de comunicação (TEDICS) no âmbito de trabalho do bibliotecário, percepção sobre o conceito de Arquitetura e de arquiteto da Informação.

### a) Percepção sobre Arquitetura da Informação

A análise dessa categoria inicia com a subcategoria referente a inserção das TEDICS no âmbito do trabalho do bibliotecário, por acreditarmos que uma avaliação positiva dessas tecnologias possibilitaria melhor percepção sobre o entendimento da AI. Com efeito, solicitamos aos participantes que avaliassem tal inserção. Os resultados evidenciam inúmeros posicionamentos, sendo que a maioria, 21% deles, a considera como importante, seguida daqueles que a avaliam como necessária ou fundamental e que facilitam a organização informacional, com (17%), conforme podemos observar com detalhes no gráfico 1.

**Gráfico 1: Avaliação da inserção das TEDIC**

Fonte: Dados da pesquisa.

Para ratificar esses resultados, introduzem-se alguns discursos dos participantes.

Muito importante e necessária, sem as quais, os produtos e serviços seriam drasticamente precarizados (P6).

Avalio de forma positiva, uma vez que as TICs melhoram a interação bibliotecário X usuário. Os serviços sendo automatizados permitem que o bibliotecário possa filtrar as informações que são importantes para o usuário de uma forma mais rápida e eficaz (B11).

Tem contribuído para organização, registro e recuperação cada vez mais rápida. Teve um efeito catalítico na produção conteúdo provocando uma inflação informacional. Vem gerando novos padrões de comportamento na sociedade e auxiliado bastante na tomada de decisões (EB42).

No discurso da maioria dos participantes, resta evidente o fato de que a inserção das TEDIC'S em seu ambiente de trabalho, concorre para melhorar e apressar a oferta de produtos e serviços informacionais, bem como, proporcionar inovações nesse ambiente e, também, auxiliar as tomadas de decisão. Notamos, ainda, na fala de um participante a noção de que, embora ele reconheça que a inserção dessas tecnologias seja necessária, a empresa onde trabalha, ainda não despertou para esse fato. Entendemos que, apesar de essa resposta ter sido de um estudante, talvez por estagiar na organização, ainda assim, poderia contribuir com sugestões que viessem a despertar os gestores para os investimentos nessas tecnologias, afinal, por ser estudante, e estar em contato com as inovações tecnológicas pode e deve levar novidades em suas experiências profissionais, desde que seja proativo e tenha competência para tal.

No que diz respeito à subcategoria percepção sobre o conceito de Arquitetura da Informação, malgrado esse tema ser considerado novo e pouco explorado, acreditávamos que tal conceito ainda não estaria inserido de modo contundente na terminologia biblioteconômica, conquanto algumas disciplinas do Curso de Biblioteconomia da UFC já esboçem, mesmo que "de modo muito simples", certas ideias sobre a AI, desde a década de 1990. Em sendo assim, buscamos saber se os participantes da pesquisa já tinham algum conhecimento sobre o assunto em foco. A maioria deles (92%) apontou que sim, contra 8% que disseram não. O que surpreende é o fato desses 8% serem estudantes de Biblioteconomia, que, de alguma forma, já tiveram oportunidades de participar de vários eventos promovidos por seu Curso na UFC cuja temática contemplava o tema Arquitetura da Informação. Esses participantes podem não ter entendido a questão, mesmo sendo ela fechada com as opções sim e não. Ressaltamos que mesmo com esses resultados não podemos mais deixar de reconhecer que AI se configura como mais um nicho mercadológico para os profissionais dessa área. Por isso é necessário que os profissionais que já estão no mercado e os estudantes busquem adquirir competências em AI para que possam fazer o diferencial no

desenvolvimento de suas atividades. As respostas desses 8% também nos surpreendem, pois, afinal, tem-se a impressão de que, na sociedade da segunda metade do século XX e do início do século XXI, as pessoas são vislumbradas pelas tecnologias eletrônicas e digitais de informação e de comunicação. Com efeito, esses participantes podem mesmo ter outros interesses além dessas tecnologias, ou então não entenderam a pergunta.

Ainda sob esse aspecto, questionamos aos participantes sobre seu entendimento a respeito da ideia de AI. Os resultados indicaram diversos aspectos, desde aqueles que se referem às ferramentas para a organização e a recuperação da informação, de ambiente web, até aquele relativo ao domínio das tecnologias, avaliação de sistemas. Visando ao melhor entendimento sobre esse ponto, trazemos reproduzidas algumas falas ilustrativas das respostas.

Organização das informações para serem melhor visualizadas e conseqüentemente para facilitar o acesso (EB47).

Conjunto de métodos para a organização e distribuição da informação em seu espaço, de modo a torná-la mais acessível e compreensível ao usuário (P15).

É a área dedicada a avaliar e melhorar a estrutura, organização, enfim, a usabilidade dos ambientes informacionais (EB 36).

Outros participantes apontaram ainda não conhecer ou saber muito pouco sobre a AI, “Muito pouco”. (E32), “Quase nada” (P14); além daqueles cujas respostas foram evasivas e fugiram do que foi solicitado, por desconhecimento do que seja a AI, ou por externarem conceitos embaraçados:

É um trabalho conjunto entre as áreas de sistema da informação e tecnologia da informação, que trabalham juntas pra desenvolver um sistema de gerenciamento de dados ou um banco de dados que melhore e facilite a pesquisa e a recuperação de informação (B12).

Um pouco, como quase todos nós da área de Ciência da Informação: a interação entre os analista de sistemas (estrutura de TIC) e bibliotecários (estrutura de produtos e serviços) a partir de um conhecimento científico agregador desses dois campos para arquitetar um serviço online com interface super amigável com usuário, de modo que organiza websites dando suporte à uma melhor desempenho do usuário nos uso dos esquemas de navegação facilitando a busca e o acesso, ou seja a usabilidade do serviço (P6).

A Arquitetura da Informação se fundamenta nos seguintes alicerces: rotulagem, usabilidade, ergonomia, acessibilidade e interoperabilidade. Considerarmos que todos esses aspectos estão diretamente associados ao trabalho tradicional do bibliotecário, porém, a rotulagem efetivamente se configura como uma representação temática de informações. Ainda nesse contexto, solicitamos aos participantes que apontassem a semelhança entre a rotulagem e a representação temática da informação. A maioria deles (33%) respondeu que não sabia identificar a semelhança desses dois conceitos. Entre aquele que responderam a essa questão, encontram-se um professor e um bibliotecário: “Não sei. (P14)”; “Não compreendo o conceito de rotulagem” (EB3).

Os demais apresentaram respostas evasivas a esses respeito.

Rotulagem é a práxis da informação e a representação temática é como a informação deve ser organizada (EB44).

A semelhança é imensa, pois no momento que rotulamos/categorizamos algo na web, por exemplo, estamos realizando um processo de indexação, de representar o conteúdo do documento de maneira resumida (EB36).

Outras respostas convergem para o fato de a rotulagem ser correlata à representação temática da informação, configurando-se como formas de representar a informação e garantir melhor acesso ao conteúdo informacional, mediante o emprego de conceitos. Ilustramos esses resultados, trazendo o recorte de algum achados do estudo empírico:

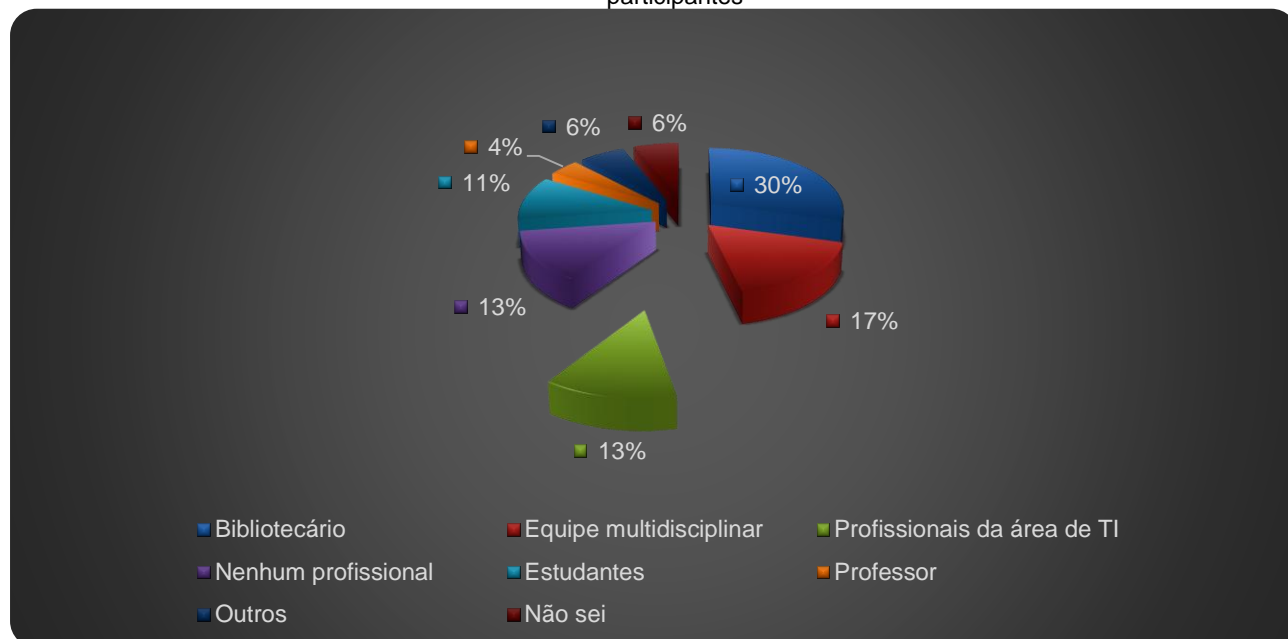
Rotulagem é uma representação temática da informação (EB22).

Tanto a rotulagem como a representação temática buscam utilizar terminologias que possam ser reconhecidas e utilizadas pelos usuários (B11).

Ambas desempenham o papel de representar algo, resumir o conteúdo de um documento, em expressões ou termos equivalentes (EB34).

Ademais, no mesmo contexto da percepção, tivemos interesse em saber a opinião dos participantes no que diz respeito ao profissional que desempenha o papel de arquiteto da informação na instituição onde trabalha. As respostas foram várias, destacando-se aqueles que apontaram o bibliotecário, com 29%, equipe multidisciplinar (17%), profissionais de tecnologia da informação (13%) enquanto 13% consideraram que não há profissionais desempenhando esse papel na instituição em que atua. (Gráfico 2)

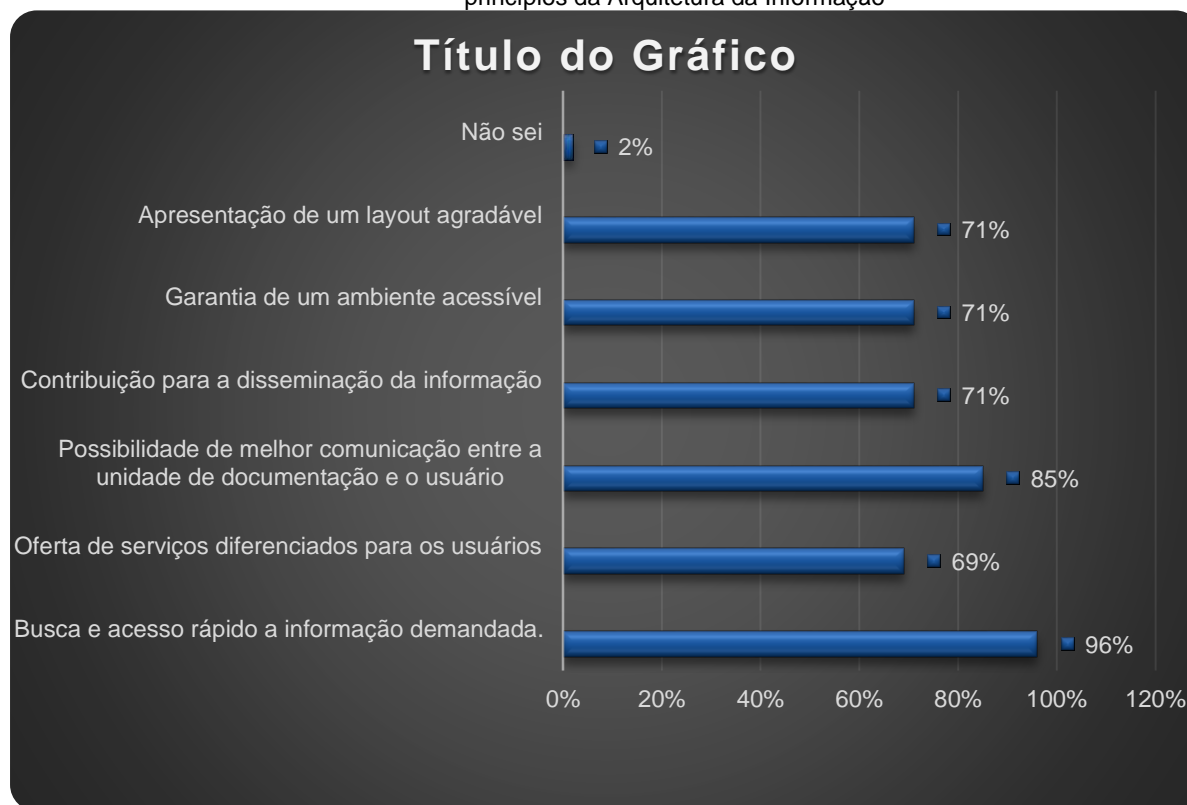
**Gráfico 2:** Percepção sobre quem desempenha o papel de arquiteto da informação no ambiente de trabalho dos participantes



**Fonte:** Dados da pesquisa.

Embora a maioria das respostas indique ser o bibliotecário que atua como arquiteto da informação nas organizações onde trabalha, ao cruzarmos essa questão com aquela sobre o conceito de Arquitetura da Informação, notamos que há certa contradição, pois existe baixo nível de entendimento do assunto. Esse elevado índice de respostas afirmativas pode refletir a fala de alguns conferencistas que participaram de eventos sobre AI organizados pelo Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará. Também, pode representar a necessidade de auto-afirmação desses profissionais, pois, sabemos, pelas vivências empíricas, que essa característica de bibliotecários atuando como arquiteto da informação ainda não se efetiva de modo concreto, pelo menos no contexto cearense.

Finalizando essa categoria referente à percepção dos participantes da pesquisa sobre a AI buscamos identificar os benefícios, a curto e a longo prazo, de um ambiente online que privilegie os princípios da AI. Para essa questão, oferecemos aos sujeitos da pesquisa uma paleta, contendo um rol de oito opções, explicando-lhes que poderiam assinalar mais de uma. Os resultados foram positivos, pois somente 2% marcaram a opção “não sei”. Mesmo com esse baixo índice, nos surpreendemos, pois as opções oferecidas sinalizam para os benefícios de um ambiente web pautado na metodologia da AI, conforme observa o gráfico 3.

**Gráfico 3:** Percepção dos participantes sobre os benefícios da criação de um ambiente *online* baseado nos princípios da Arquitetura da Informação

Fonte: Dados da pesquisa.

Por outro lado, exceto a opção “não sei” a expectativa era de que as demais obtivessem 100% de indicação, porquanto, espelham os objetivos que todo ambiente informacional de uma organização deve ter para oferecer serviços e produtos de qualidade ao seu público-alvo, o que se reverte em benefícios para a instituição.

#### **b) Competências necessárias para atuar como arquiteto da informação**

Com a Arquitetura da Informação, surge também outro nicho mercadológico para os bibliotecários. Para isso, no entanto, esse profissional deve possuir as competências necessárias para suprir essa demanda e agir como Arquiteto da Informação. Sob essa perspectiva, nesse item, colhemos opiniões dos participantes da pesquisa a respeito das competências. Para tanto, foram dirigidos dois questionamentos aos participantes. De início, perguntamos que competências o arquiteto da informação precisa ter, sendo este um quesito de múltipla escolha baseada nas propostas de Wurman (1978) e Morville e Rosenfeld (2009). Sendo assim, exibimos uma paleta contendo as competências e as habilidades propostas por esses autores. Também foi explicado que eles poderiam marcar mais de uma opção. Na outra pergunta, questionamos que profissional está mais capacitado e apto para agir como arquiteto da informação nas organizações e solicitamos-lhes que justificassem suas respostas. Os resultados podem ser mais bem observados no gráfico 4:



**Gráfico 4:** Percepção dos participantes sobre que profissional está mais capacitado e apto a exercer a função de arquiteto da informação

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Ao se cotejar esses resultados com as exigências apontadas por aqueles autores, infere-se que, embora na questão referente ao entendimento sobre a AI tenha ficado evidente que os estudantes, profissionais e professores não tenham um entendimento profundo sobre esse tema. Em realidade, quando se trata de apontar as competências para a atuação profissional como arquiteto da informação, restou constatado que há uma certa compreensão a esse respeito. Tal resultado pode ter sido influenciado pela estratégia adotada na questão. Salta aos olhos, contudo, o fato de que somente 60% tenham indicado flexibilidade e mudança, uma característica amiúde demonstrada em pesquisas que estudam a resistência à mudança no contexto de profissionais da área de Biblioteconomia. Esse indicador demonstra que ainda falta conhecimento sobre o trabalho do arquiteto da informação, já que em nenhum item considerado fundamental para tal atuação foram obtidos 100% das respostas.

Quanto a que profissional está mais capacitado para exercer o metier de arquiteto da informação, os resultados apontam para bibliotecários, equipe multidisciplinar - formada por bibliotecários e profissionais da área da Computação, como demonstrado em suas falas.

O bibliotecário, pelo fato de ser um profissional preparado e especializado em trabalhar com a informação e criar a melhor maneira de disponibilizar para seus usuários (EB22).

Profissional da área de computação, devido ao maior domínio das tecnologias necessárias (P15).

Pelos enunciados, sobre a dimensão de que, para desempenhar o papel de arquiteto da informação, os profissionais mais adequados são aqueles que lidam com a informação e que possuem conhecimentos acerca das tecnologias eletrônicas e digitais de informação e de comunicação.

## 5 Considerações Finais

Sabemos que toda pesquisa parte de questionamentos que venham ao encontro dos objetivos, sendo necessário retornar a eles, a fim de verificar se foram atingidos. O objetivo básico desta pesquisa foi investigar a percepção dos profissionais e estudantes de Biblioteconomia a respeito da práxis do arquiteto da informação, bem como as competências necessárias para atuar no exercício dessa atividade. Com efeito, haja vista os achados da pesquisa, e com suporte nas reflexões fornecidas, foi possível extrair as seguintes conclusões delineadas na pesquisa:

Embora os participantes tenham expressado algumas ideias sobre a AI, efetivamente, nenhum deles expressou claramente o que entende por Arquitetura da Informação. Talvez fosse interessante que o Curso de Biblioteconomia propusesse espaços para que esse tema viesse a ser discutido mais apropriadamente por meio dos grupos de pesquisa ou ainda com a oferta da disciplina, mesmo que de caráter optativo, o que já está sendo feito, pois desde 2015.1 a disciplina está sendo ofertada na graduação em Biblioteconomia da UFC.

Constatamos, ainda, haver uma grande lacuna quanto ao entendimento de Arquitetura da Informação, pois, mesmo com as semelhanças expressas entre esta e a Biblioteconomia, divisa-se o fato de que há dificuldades por parte de estudantes, professores e bibliotecários na apropriação do conceito de AI.

Mesmo os participantes indicando em sua maioria que o bibliotecário, é o profissional preparado para assumir o papel de arquiteto da informação, ainda há pouco entendimento de sua parte a respeito do trabalho do arquiteto da informação, assim como existe também a dificuldade na compreensão básica dos componentes da AI. Isso ficou muito evidente nas respostas sobre rotulagem, sendo essa, por sua vez, essencial para a implementação da AI nas unidades de documentação.

Notamos que, assim como a Biblioteconomia a Arquitetura da informação possui como sua matéria-prima de trabalho a informação, cujas preocupações de organização visam facilitar o acesso, independentemente do suporte onde esteja registrada ou dos espaços analógicos e digitais de armazenamento.

A Arquitetura da Informação usa conceitos e fazeres semelhantes àqueles adotados pela Biblioteconomia, porém ela extrapola o ambiente analógico e traz outras possibilidades, principalmente para o meio digital. Embora seus padrões de representação e organização possam ser utilizados nos seus mais variados meios, é no écran que se faz urgente. Para a Biblioteconomia, a AI veio como metáfora contemporânea de um novo nicho mercadológico, ou seja, a Biblioteconomia não foi suplantada ou anulada, pois é a espinha dorsal das disciplinas informacionais, porém, os conceitos foram ressignificados no território do ciberespaço.

O bibliotecário, na qualidade de profissional é responsável, entre outros fazeres, pela organização de informações, para que possa também atuar como gestor de informação e do conhecimento. Por isso, deve buscar aperfeiçoar seus conhecimentos no que diz respeito a representação, tratamento, acesso ao conteúdo informacional- aquilo que já é seu encargo- no atual contexto de desenvolvimento de novas tecnologias de informação e de comunicação. De fato, ao observar o que o arquiteto da informação faz, perceberá ações que, em sua semântica, já são a princípio utilizadas na Biblioteconomia, principalmente no que diz respeito a facilitar o acesso ao conteúdo informacional. Para que esse profissional venha a desempenhar na sua totalidade a função de arquiteto da informação, é preciso entendimento e aperfeiçoamento em tecnologias eletrônicas e digitais de informação e de comunicação, para aplicar suas competências nos atuais espaços informacionais, configurados principalmente, no ambiente Web.

Conforme a literatura de base estudada, verificamos que as competências que o bibliotecário, no papel de arquiteto da informação, precisa ter, são inúmeras. Umás já bastante próximas da sua práxis em ambiente analógico, ao passo que outras, estão muito mais voltadas para os ambientes de web. Quando se faz referência ao bibliotecário como arquiteto de informação, a relação é ao tratamento da superdosagem de informação, contribuindo de modo racional para organização dos espaços físicos e digitais e, conseqüentemente, para recuperar a informação, o que já faz parte da sua prática. A maior novidade é lidar com o tratamento dessa informação em um ambiente onde “ter” informação, achar a informação, significa trabalhar com fluxos informacionais, o novo paradigma da Biblioteconomia. Com arrimo nesse fato, o bibliotecário tende a manusear e conhecer as tecnologias, de sorte que necessita ser pessoa dinâmica, comunicativa, empreendedora. Necessita, ainda, ter capacidade de trabalhar em equipes multidisciplinares, ter conhecimento do impacto organizacional e societário da tecnologia, design gráfico, de desenvolvimento de sistemas, ergonomia em páginas Web, dentre muitas outras habilidades. Igualmente, são apontadas na literatura, outras que precisam ser migradas ou adaptadas para que haja consonância dos esforços do bibliotecário e do arquiteto da informação, tornando esses dois conceitos unívocos quando convier.

## Referências

ALA. **Presential Committee on Information Literacy**. Final Report. Chicago: ALA, 1989. Disponível em: <<http://www.ala.org/ala/acrl/acrlpubs/whitepapers/presential.htm#importance>>. Acesso em: 18 fev. 2007.

IFLA. **Declaração de Alexandria sobre competência informacional e aprendizado ao longo da vida**. Alexandria: IFLA, 2005.

MORVILLE, Peter; ROSENFELD Louis. **Architecture de l'information pour le web**. [S.l.] : Digit Boks, 2009.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Information architecture for the World Wide Web**. Sebastopol: O'Reilly, 1998.

PERRENOUD, Philippe. **Construir competências desde a escola**. São Paulo: Artmed, 1999.

SENGE, Peter M. **A quinta disciplina**. São Paulo: Editora Best Seller, 1990.

WURMAN, Richard S. **Ansiedade de Informação**: como transformar informação em compreensão. São Paulo: Cultura, 1978

ZARIFIAN, Philippe. **O modelo da competência: trajetória histórica, desafios atuais e propostas**. São Paulo: Senac, 2003.

## Dados dos autores

### Virgínia Bentes Pinto

Professora do Departamento de Ciência da Informação (DECINF) da Universidade Federal do Ceará (UFC); Pesquisadora de Produtividade em Pesquisa CNPq Nível 2; Graduada em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Mestre em Ciência da Informação, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Doutora em Sciences de l'Information et de la Communication, pela Université Stendhal-Grenoble-3, França.

[vbentes@ufc.br](mailto:vbentes@ufc.br)

Link para o lattes: <http://lattes.cnpq.br/8992341585329383>

### Camila Regina de Oliveira Rabelo

Graduada em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Especialização em andamento em Docência e Gestão do Ensino Superior, pela Faculdade Estácio do Ceará; Bibliotecária do Setor de Empréstimo da Universidade de Fortaleza (UNIFOR); foi bolsista de Iniciação Científica CNPq.

[camilareginarabelo@gmail.com](mailto:camilareginarabelo@gmail.com)

Link para o lattes: <http://lattes.cnpq.br/6491636919836517>

### Igor Peixoto Torres Girão

Graduando em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Ceará (UFC); foi bolsista de Iniciação Científica CNPq.

[igor.peixoto310@gmail.com](mailto:igor.peixoto310@gmail.com)

Link para o lattes: <http://lattes.cnpq.br/4551125085882222>

### Francisco Hilton Rodrigues Raulino Neto

Graduando em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Ceará (UFC); foi bolsista de Iniciação Científica CNPq.

[orceomodu@gmail.com](mailto:orceomodu@gmail.com)

Link para o lattes: <http://lattes.cnpq.br/3281117774413593>



Centro de Ciências Sociais Aplicadas  
Curso de Biblioteconomia

Este periódico é uma publicação do Curso de Biblioteconomia da [Universidade Federal do Cariri](http://www.ufca.edu.br) em formato digital e periodicidade semestral.